

Banqueiros entregaram a Milliet os 'Princípios para um Plano Conjunto'

REGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — O Presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e seus assessores na dívida externa brasileira, Fernão Bracher e Antônio de Pádua Seixas, deixaram os Estados Unidos com apenas um acréscimo de peso na bagagem da dívida: um plano intitulado "Princípios para um Plano Conjunto", de duas páginas, apresentado pelos banqueiros credores ao Brasil, durante uma longa reunião, na sede do Citibank.

Segundo uma fonte bancária que participou da reunião dos 14 banqueiros do Comitê de Assessoramento da Dívida Externa Brasileira com o Presidente do Banco Central e seus assessores, "a maior ênfase da reunião, por parte dos banqueiros, foi que o Brasil comece a pagar juros o mais rápido possível (**as soon as possible**, como foi dito em Inglês). Que volte ao país o costume de pagar e que queremos ver ação ao invés de apenas palavras por parte do Governo brasileiro".

Logo após a reunião, na qual o coordenador da dívida externa brasileira e Vice-Presidente do Citibank, William R. Rhodes, era o mais agitado, foi pedido o pagamento substancial de parte dos juros atrasados das dívidas de médio e longo prazos. Em um telex enviado aos mais de 600 bancos credores brasileiros representados pelos 14 banqueiros do co-

mitê, foi pedido o pagamento de juros atrasados o mais rápido possível dos brasileiros.

Em princípio, ficou acertado que uma missão brasileira voltará à Nova York dia 13 deste mês para começar a formar subgrupos para estudos da conversão da dívida em capital de risco, reempréstimo, bônus e outros assuntos tecnicamente relacionados à dívida. Na semana seguinte seria marcada uma reunião do Comitê de Assessoramento com o Presidente do Banco Central ou o negociador oficial Fernão Bracher, quando os banqueiros esperam que, finalmente, o Brasil saia da moratória e volte a pagar parte dos atrasados ou retome, a partir de novembro, o pagamento dos juros normais das dívidas de médio e longo prazo, no caso, algo em torno de US\$ 400 milhões a US\$ 500 milhões por mês.

Um outro banqueiro credor disse ao GLOBO que "há discrepância nos critérios entre o Brasil e os bancos. Em 1982, o México não tinha dinheiro e recorreu a instituições multilaterais, bancos etc. Hoje, o Brasil conta com reservas cambiais acima de US\$ 4 bilhões e não quer pagar. Não estamos muito preocupados com o dia 26, porque, em agosto, quando passaram os seis meses da moratória brasileira, o Federal Reserve pôde fazer algo e não fez. No caso, eles reconhecem que estamos fazendo tudo que podemos para o Brasil pagar".